
JAZZ

20 MAIO '07

CARLOS BARRETO
'IN LOKO'

Com Bernardo Sasseti, Hugo Menezes, João Moreira,
José Salgueiro e Mário Delgado

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



DOM 20 MAIO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 1H30 · M/12

Contrabaixo, Efeitos electrónicos Carlos Barretto
Piano fender-rhodes Bernardo Sassetti
Percussão (convidado especial) Hugo Menezes
Trompete, Efeitos electrónicos João Moreira
Bateria e Percussões José Salgueiro
Guitarra eléctrica, Efeitos electrónicos Mário Delgado

In Loko

“De Jimi Hendrix a Stockhausen, tudo é permitido.” Esta é a máxima do novo projecto In Loko de Carlos Barretto, apostado em “transgredir” sem que, para tal, se torne menos “acessível”. “Em direcção ao desconhecido”, diz o contrabaixista e líder do grupo, mas não rompendo com “os elementos formais já conhecidos”. Aposta ambiciosa, mas afinal em linha com o continuado e histórico esforço de procurar novas vias de criação musical no âmbito do jazz. Para tal, Barretto e seus companheiros (João Moreira, Bernardo Sassetti, Mário Delgado, José Salgueiro e Hugo Menezes) voltam para trás no tempo, e designadamente para o primeiro período do Miles Davis eléctrico. Não necessariamente para repetir o que já foi feito da década de 1960 até aos nossos dias com esse rótulo – incluindo os equívocos, os produtos de menor qualidade e os desvios de forma, aqueles que resultaram em cortes com o idioma musical de base –, e sim com o fito de procurar a sequência das propostas originais de conciliação do jazz com o rock, o funk e mais, e conduzi-la até desfechos que, se sempre estiveram implícitos, acabaram por nunca surgir tal como se supôs.

Em vez de uma postura “retro”, de celebração ou simples reprodução do passado, trata-se de recuperar o que a fusão teve de melhor e descobrir onde os leva o procedimento neste início do

século XXI, 40 anos depois das tentativas iniciais de mistura de estilos. Aliás, com o propósito implícito de agir de acordo com a própria natureza do jazz, música feita de várias músicas. E com uma grande largura de parâmetros, indo do rock mais elaborado e virtuosístico (Delgado é, para todos os efeitos, um guitarrista hendrixiano) à vanguarda erudita (é de salientar a formação clássica de Sassetti e os seus interesses nesta área, óbvios em discos como os recentes *Unreal: Sidewalk Cartoon* e *Dúvida*). Não acontece por acaso: se o chamado jazz-rock depressa mudou de nome para o mais ajustado “fusão”, foi porque outros elementos se integraram no cozinhado, uns provenientes da cultura de massas, outros de diversas tradições étnicas do mundo e alguns até de matriz dita “séria”.

Os In Loko vieram para separar as águas. Para afirmar que aquilo a que vimos chamando fusão diz respeito a duas abordagens totalmente distintas, uma determinada pela busca de alternativas num processo de recolocação do jazz no espectro das músicas populares, algo que se tinha perdido quando o bebop substituiu o swing, a outra, bem menos interessante, pouco mais resultando do que numa operação comercial com a conquista fácil das audiências como objectivo. A história do “jazz eléctrico” está cheia de exemplos de músicos inovadores que foram fundamentais na primeira destas frentes, mas que infelizmente também encontramos na segunda, a começar pelo próprio Miles Davis. Ora, entre o Miles de *Bitches Brew*, *On the Corner* e *A Tribute to Jack Johnson* e o das apostas pop do final da sua vida

como *Tutu e Pangea*, a opção de Carlos Barretto vai decididamente para o que desbravou caminhos, o que arriscou, o que propôs algo de novo e diferente, mesmo que com materiais e recursos humanos pilhados a outros lados, fosse uma canção de Cindy Lauper ou um músico de Stevie Wonder. A fusão que lhe interessa prosseguir e interrogar não é a da rítmica “quadrada” e das melodias simplistas com que ficou conotada, mas aquela, rica, vibrante, preña de pormenores e implicações, que marcou uma época de descobertas e mudanças. Nessa altura, o *jazz* de fusão não era sinónimo de menoridade estética, mas de risco e invenção. É essa vertente que Barretto pretende redescobrir, numa música “universalista” cujo “groove de batida punjante” seja “contaminado pela abstracção e pela improvisação colectiva”.

O piano eléctrico Fender Rhodes marcou a sonoridade da fusão e ei-lo que é o grande ícone instrumental do sexteto In Loko. Pode Bernardo Sassetti ter mais afinidades estilísticas com Bill Evans do que com Herbie Hancock, Chick Corea e Keith Jarrett, os três notáveis pianistas de Miles Davis que adoptaram o invento de Harold Burroughs Rhodes e Leo Fender, mas essa é uma mais-valia para o que se pretende com este projecto de abertura e inclusão. O processamento electrónico em tempo real é outra característica desta formação: mesmo os sinais sonoros dos instrumentos acústicos, como o trompete de João Moreira e o contra-baixo de Carlos Barretto, são tratados por meio de alguns *gadgets*. Funcionam estes como as suas extensões, à semelhança do pedal wah-wah que Miles

começou a utilizar no início da década de 1970. Nos In Loko, não são só a guitarra, a bateria e o piano que também se tocam com os pés – esta é uma música de grande envolvimento físico e de múltipla dimensionalidade tímbrica, “criando matéria aparentemente caótica mas orgânica”, como refere Barretto. Oiçamo-la com atenção...

RUI EDUARDO PAES
(CRÍTICO DE MÚSICA, ENSAÍSTA,
EDITOR DA REVISTA JAZZ.PT)



CARLOS BARRETTO

(contrabaixo, efeitos electrónicos)

Nasceu a 18 de Julho de 1957. Com seis anos aprendeu a tocar guitarra, aos dez passou pelo piano, no Conservatório Nacional, e mais tarde optou pelo contrabaixo. Depois de concluir o curso do Conservatório, foi aperfeiçoar a técnica instrumental na Academia Superior de Música de Viena de Áustria, estudando com o mestre Ludwig Streischer. De regresso a Lisboa ingressou na Orquestra Sinfónica da RDP e participou em concertos de *jazz* com vários artistas.

Em 1984, mudou-se para Paris para se dedicar inteiramente à música improvisada, onde teve ocasião de se apresentar em concertos, festivais, clubes de *jazz*, emissões de rádio e televisão, com artistas de renome internacional.

Regressou a Lisboa em 1993. Formou os seus grupos, para os quais compõe, tendo vários CDs em seu nome. A sua discografia inclui treze títulos.

Horace Parlan, George Cables, Kirk Lightsey, Alain Jean Marie, Mal Waldron, Brad Mehldau, Lee Konitz, Barry Altschul, George Brown, Cindy Blackman, Joe Chambers, Jordy Rossy, Aldo Romano, Don Moye, Richard Galliano, Tony Scott, Glenn Ferris, Steve Grossman, Karl Berger, John Stubblefield, Steve Potts, Steve Lacy, Gary Bartz, Art Farmer, Jack Walrath, Marlon Jordan, John Betsch, Gerard Presencer, são alguns dos nomes com quem Carlos Barretto trabalhou.

BERNARDO SASSETTI

(piano fender-rhodes)

Iniciou os seus estudos de piano clássico aos nove anos com a professora Maria Fernanda Costa e, mais tarde, com o professor António Menéres Barbosa, tendo frequentado também a Academia dos Amadores de Música.

Dedicou-se ao *jazz*, estudando com Zé Eduardo, Horace Parlan e Sir Roland Hanna. Em 1987 começa a sua carreira profissional, em concertos e clubes locais, com o quarteto de Carlos Martins e o Moreiras Jazztet; participa em inúmeros festivais com músicos tais como Al Grey, John Stubblefield, Frank Lacy e Andy Sheppard.

Desde então, nos primeiros quinze anos de carreira, apresenta-se por todo o mundo ao lado de Art Farmer, Kenny Wheeler, Freddie Hubbard, Paquito D’Rivera, Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson, Charles McPherson, Steve Nelson, integrado na United Nations Orchestra e no quinteto de Guy Barker com o qual gravou o CD *Into the blue* (Verve), nomeado para os Mercury Awards 95 – Ten albums of the year. Em Novembro de 1997, também com Guy Barker, gravou *What Love is*, acompanhado pela London Philharmonic Orchestra e tendo como convidado especial o cantor Sting.

Como compositor destacam-se as suites *Ecos de África*, *Sons do Brasil*, *Mundos*, *Fragments (Of Cinematic Illusion)*, *Entropé* (para piano e orquestra) e *4 Movimentos Soltos* (para piano, vibrafone, marimba e orquestra). O seu primeiro trabalho discográfico como líder, *Salsetti* (Groove/Movieplay), foi gravado em

Abril de 1994 com a participação de Paquito D’Rivera, o segundo, *Mundos* (Emarcy/Polygram), em Janeiro de 1996; *Nocturno*, lançado pela editora Clean Feed em 2002, foi distinguido com o 1º Prémio Carlos Paredes. *Índigo e Livres* são outras das suas mais recentes gravações de piano solo para a mesma editora.

Dedica-se regularmente à música para cinema, tendo realizado vários trabalhos nos últimos anos.

Como concertista, apresenta-se em diversas formações.

HUGO MENEZES

(percussão)

Nasceu em Lisboa a 31 de Dezembro de 1977. Tem vindo a trabalhar em projectos nas áreas da *World Music*, *Afro* e *Latin Jazz* e Fusão, Música Alternativa e Electrónica.

Colaborou com Cool Hipnoise, Spaceboys, Los Tomatos, Músicas de Sol e Lua (com Sérgio Godinho, Vitorino, Rão Kyo, e outros), Chillfado, entre outros.

Tem vindo a orientar *workshops* de percussão desde 1998 para várias câmaras municipais, Festival Sudoeste e Festival Paredes de Coura e outros eventos.

JOÃO MOREIRA

(trompete, efeitos electrónicos)

João Moreira nasceu a 11 de Junho de 1970 em Lisboa. Toca trompete desde os onze anos de idade.

É licenciado desde Janeiro de 1999 em *Jazz* e Música Contemporânea pela New School for Social Research (Nova Iorque).

Durante a sua estadia em Nova Iorque trabalhou como trompetista ao lado de músicos como Joe Chambers, Wallace Roney, Mulgrew Miller, Buster Williams, Jimmy Owens, Michael-Phillip Mossman e John Pattituci, tendo actuado em clubes de renome como o Blue Note, Smalls e Zinnó's.

Integrou ainda as *big bands* dirigidas pelo trompetista Charles Tolliver e pelo percussionista cubano Bobby Sanabria.

De volta a Portugal, onde se encontra desde 2000, recuperou o seu cargo de professor da Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal (membro fundador da IASJ-International Association of Schools of Jazz), onde leccionava desde 1989. Assumiu também a função de Coordenador Pedagógico da escola, assim como a de Coordenador do Curso de *Jazz* do Conservatório de Música da Madeira.

É docente da licenciatura em Música no Instituto Piaget, em Almada, desde 2004.

Tem realizado inúmeros *workshops* e seminários por todo o país (continente e ilhas).

Como trompetista, João Moreira conta com uma experiência de largos anos, tendo tocado em todos os festivais de *jazz* do país assim como em alguns

festivais no estrangeiro (Estados Unidos, Espanha, entre outros).

Actuou com diversos músicos portugueses (como Mário Laginha, Maria João e Carlos Barretto) e estrangeiros (Chris Cheek, Mark Turner, John Ellis, Rick Margitza, Bruce Barth, Phil Markowitz, Sylvia Cuenca, Lynn Arriale, Robert Sadin, Tom Harrel, Tim Hagans, Ira Coleman e Troy Davis).

Integra actualmente várias formações mas dirige também o seu próprio quarteto com o qual executa as suas composições.

JOSÉ SALGUEIRO

(bateria e percussões)

Estudou na Academia dos Amadores de Música, no Conservatório Nacional e no Hot Clube de Portugal. Participou em *workshops* sobre improvisação, bateria e trompete, em Barcelona, com Max Roach, Billy Hart, Ron McLoure, David Liebman, Richard Beiras, Paul Motion e John Tchichai.

Actualmente integra as formações dos Gaiteiros de Lisboa, dos Tim Tim por Tim Tum (grupo do qual é fundador) e do Carlos Barretto Trio, e acompanhou recentemente o projecto *Outras Canções*, de Camané.

A convite da Expo 98 criou o projecto *Adufe*. Em 2003, foi desafiado por Coimbra Capital Nacional da Cultura a criar o projecto *Mátria*. É produtor musical nas áreas da Música Tradicional, do *Jazz* e da Música Infantil.

De 1983 a 1991 foi baterista dos Trovante e integrou igualmente grupos como Resistência e Cal Viva, entre outros. A actividade musical de José Salgueiro passou também por participações em concertos, gravações de discos e espectáculos de televisão de Sérgio Godinho, Zeca Afonso, Janita Salomé, Vitorino, José Mário Branco, Rui Veloso, Filipa Pais e Pedro Jóia. No campo do *jazz* participou em projectos de António Pinho Vargas, Bernardo Sassetti, Perico Sambeat, Carlos Martins, Carlos Bica, Pedro Burmester, João Paulo Esteves da Silva, José Peixoto e da dupla Maria João e Mário Laginha. Em Março de 2001 integrou o Quinteto de Wayne Shorter, num espectáculo integrado na programação de *Jazz* do Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura.

MÁRIO DELGADO

(guitarra eléctrica, efeitos electrónicos)

Mário Delgado começou os seus estudos na Escola de Jazz do Hot Clube, ainda quando José Eduardo e David Gausden leccionavam na cave da Praça da Alegria.

Prosseguiu os seus estudos na Academia dos Amadores de Música e prolongou a sua formação envolvendo-se em *ateliers* com alguns dos mais importantes guitarristas de *jazz* contemporâneos como John Abercrombie, Bill Frisell e Atilla Zoller, ou com mestres como Jimmy Giuffre, David Liebman, Steve Lacy, Han Bennink, Paul Motian e Joe Lovano, entre outros.

Em 1992, Delgado junta-se ao guitarrista José Peixoto e ao percussionista José Salgueiro para desenvolver um projecto que culminará na gravação do álbum *Taifas*, cruzando um espaço musical que se abria ao universo das sonoridades árabes e mediterrânicas também presente na música do cantor Janita Salomé, com o qual Delgado gravou.

É ainda sob o signo do cruzamento de linguagens, mas desta vez numa aproximação heterodoxa às raízes portuguesas, que Mário Delgado e José Salgueiro se juntaram ao contra baixista Carlos Barretto – para gravar *Suite da Terra*.

O guitarrista divide-se actualmente entre vários projectos, nomeadamente o seu próprio grupo Filactera (que é uma aventura pela Banda Desenhada) e projectos diferentes de Carlos Barretto.

Quase todos estes projectos têm já discos editados, como é o caso de Filactera (Mário Delgado), *Suite da Terra*, *Silêncios* e *Radio Song* (Trio de Carlos Barretto).

Participou ainda na digressão europeia do quarteto Danças, de Maria João e Mário Laginha.

No campo da música portuguesa, Mário Delgado já trabalhou com todos os nomes mais consagrados.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

TEATRO SEX 25 · SÁB 26 · DOM 27 MAIO

PANOS

palcos novos palavras novas

Pequeno Auditório e Palco do Grande Auditório · horário a confirmar · M/12

Auto do Branco de Neve
de Armando Silva Carvalho

Copo Meio Vazio
de Alexandre Andrade

Justamente
de Ali Smith

Realiza-se pela segunda vez o festival de encerramento dos PANOS, um projecto que alia o teatro escolar/juvenil à nova dramaturgia. Inspirando-se no NT Connections do National Theatre de Londres, todos os anos há peças novas encomendadas a escritores reconhecidos, com apenas duas condições: escrevem para actores entre os 12 e os 18 anos; preverem um tempo de espectáculo não superior a uma hora.

No ano passado, as peças de Hélia Correia, Jacinto Lucas Pires e Mark Ravenhill foram encenadas por sete grupos de todo o país; este ano são vinte e cinco os grupos participantes, dividindo-se pelos textos de Alexandre



Fotografia: José Alfredo

Andrade, Armando Silva Carvalho e Ali Smith (com uma peça do Connections 2005, traduzida por Miguel Castro Caldas).

Tudo começou com um *workshop* em Novembro, onde cada uma das peças foi trabalhada separadamente com os autores, os responsáveis dos grupos e, por cada texto, um encenador-orientador: João Pedro Vaz, António Fonseca e Lucy Cuthbertson. Seguiu-se o período de ensaios, prevendo-se que as estreias aconteçam até ao fim de Abril. Nesse momento far-se-á uma selecção que permita apresentar, neste festival de encerramento, dois espectáculos por cada texto.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Teresa Nunes ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos